

PRÁTICAS TRANSFORMADORAS NO PROCESSO DE ENSINO-APRENDIZAGEM

Innovative practices in teaching learning process

Vanessa Schieffelbein Machado¹

Resumo: O presente artigo pretende pesquisar práticas pedagógicas no processo de ensino-aprendizagem no contexto escolar, dando ênfase aos elementos necessários às práticas pedagógicas transformadoras. Entretanto, antes de se falar em tendências e práticas transformadoras para o mundo educacional, é preciso estudá-las e entender os processos que as envolvem. Inicialmente, pretende-se fazer um breve levantamento a respeito das tendências pedagógicas que os professores têm utilizado nas escolas, fornecendo uma pequena explanação a respeito dos pressupostos teóricos e metodológicos de cada uma, tendo por base as ideias de Libâneo (2006, 2008). Em seguida, faz-se um estudo dos elementos que contribuem para a construção de práticas transformadoras, segundo Freire (1996) e também outros autores.

Palavras-chave: Práticas transformadoras. Processo de aprendizagem. Inovação.

Abstract: The present article intends to research on pedagogical practices in teaching learning process in school context, focusing on elements required for transformative pedagogical practices. However, before talking about trends and manufacturing practices for the educational world, we must study them and understand the processes that involve. Initially we intend to make a brief survey regarding the pedagogical trends that teachers have used in schools, providing a small explanation about the theoretical and methodological assumptions of each, based on the ideas of Libâneo (2006, 2008). Then make a study of the elements that contribute to the construction of transformative practices, according to Freire (1996) and also by other authors.

Keywords: Transformative practices. Learning process. Innovation.

Introdução

O presente artigo pretende pesquisar práticas pedagógicas no processo de ensino-aprendizagem no contexto escolar, dando ênfase aos elementos necessários às práticas pedagógicas transformadoras.

Entretanto, antes de se falar em tendências e práticas transformadoras para o mundo educacional, é preciso estudá-las e entender os processos que as envolvem. Para isso, buscamos referências em artigos, livros e outros materiais sobre o assunto e as primeiras constatações foram de que as mudanças já estão acontecendo, embora aos poucos e lentamente, mas já estão mais evidentes. Já que as mudanças estão acontecendo no processo de ensino-aprendizagem, surge um questionamento pedagógico: quais elementos contribuem para a construção de práticas transformadoras?

Com todas as transformações pelas quais o mundo está passando, novas ideias a respeito do homem e da humanidade surgem, abalando posturas e práticas docentes. São inúmeras e rápidas as transformações, principalmente tecnológicas e, com o avanço da comunicação, o mundo tornou-se globalizado com um simples conectar de computadores. Devido a isto tudo, a educação está em descompasso com a sociedade e com as exigências que esta impõe à comunidade em geral, especialmente aos adolescentes, que saem da escola para um mundo totalmente diferente do que têm aprendido na escola.

No ano de 2000, pesquisadores de diversas partes do mundo reuniram-se a fim de traçar

¹Centro Universitário Leonardo Da Vinci – UNIASSSELVI – Rodovia BR 470 - Km 71 - nº 1.040 – Bairro Benedito – Caixa Postal 191 – 89130-000 – Indaial/SC Fone (47) 3281-9000 – Fax (47) 3281-9090 – Site: www.uniasselvi.com.br

um eixo condutor para a educação do século XXI. Sob a regência de Jacques Delors, concluíram o trabalho, sintetizando-o num famoso relatório intitulado “Educação: Um Tesouro a Descobrir”, no qual expõem que a prática pedagógica deve preocupar-se em desenvolver quatro aprendizagens fundamentais, que serão, para cada indivíduo, os pilares do conhecimento. Com base nestes, a educação mundial, que ainda hoje é voltada apenas para a absorção de conhecimento, sem nenhuma função social e desvinculada da prática, deverá dar lugar ao ensinar a pensar, saber comunicar-se e pesquisar, ter raciocínio lógico, fazer sínteses e elaborações teóricas, ser independente e autônomo; enfim, ser socialmente competente.

Entretanto, Paulo Freire, já escrevia, em 1996, sobre uma prática pedagógica que ensinasse autonomia aos educandos para ser e saber, enfatizando a necessidade de respeito ao conhecimento que o aluno traz para a escola, visto que ele é um sujeito que integra e atua na própria sociedade. Na visão de Freire (1996, p. 20): “[...] só há uma saída para a prática educativa: adaptar o educando a esta realidade que não pode ser mudada. O que precisa, por isso mesmo, é o treino técnico indispensável à adaptação do educando, à sua sobrevivência”.

Portanto, uma coisa é certa: se a sociedade está em constante movimento, a escola, em todos os seus níveis, tem de movimentar-se em direção às transformações, seja para acompanhar a evolução ou estancar mudanças maléficas.

Assim, justifica-se o presente estudo, tendo em vista a preocupação com as práticas pedagógicas que ainda treinam habilidades e memorização de conteúdos de forma isolada, que em nada contribuem para a aprendizagem dos educandos, pois o relacionamento entre conteúdos e conceitos nada têm em comum com o cotidiano diário.

Inicialmente, pretende-se fazer um breve levantamento a respeito das tendências pedagógicas que os professores têm utilizado nas escolas, fornecendo uma pequena explanação a respeito dos pressupostos teóricos e metodológicos de cada uma, tendo por base as ideias de Libâneo (2006).

Em seguida, faz-se um estudo dos elementos que contribuem para a construção de práticas transformadoras, segundo a opinião de Paulo Freire, em seu livro “Pedagogia da autonomia” e também de outros autores.

Tendências pedagógicas

A educação é um fenômeno da realização do trabalho docente de professores com os alunos, e tem por trás de si influências dos diferentes contextos políticos e social que a sociedade lhe coloca influenciada pelo momento histórico. Esta sociedade tem diferentes ideias para aprendizagem, escola, relação professor-aluno, técnicas pedagógicas, ou seja, ela projeta o tipo de grupo social que se quer. Portanto, os professores realizam seu trabalho, organizando os conteúdos, suas técnicas de ensino e modos de avaliação embasados em teorias ou tendências pedagógicas que estão na moda no momento.

Conforme nos lembra o professor Libâneo (2008, p. 5), a prática docente está relacionada com a ideia de funcionalidade da educação:

[...] a educação se realiza numa sociedade formada por grupos sociais que têm uma visão distinta de finalidades educativas. Os grupos que detém o poder político e econômico querem uma educação que forma pessoas submissas, que aceitem como natural a desigualdade social e o atual sistema econômico. Os grupos que se identificam com as necessidades e aspirações do povo querem uma educação que contribua para formar crianças e jovens capazes de compreender criticamente as realidades sociais e de se colocarem como sujeitos ativos na tarefa de construção de uma sociedade mais humana e mais igualitária.

Como podemos perceber, a educação e suas práticas estão diretamente relacionadas com o modelo de sociedade em que está inserida a escola e o educando, tendo o desafio de responder às exigências que os contextos lhe colocam.

Tendo em vista estas exigências, surgiram diversas tendências pedagógicas ao longo dos anos e a primeira que influenciou a educação foi a tradicional, que sobreviveu ao longo dos séculos e ainda sobrevive em alguns ambientes escolares. Quando se começou a questionar as ideias dessa tendência, surgiram outras tendências para contribuir com ou melhorar o ensino e a aprendizagem.

Em um mundo cujas evoluções tecnológicas, a longo prazo, alterarão significativamente os modos de vida e percepções de conceitos do ser humano, podem-se enumerar diversas tendências pedagógicas para a educação, que avançará cada vez mais no intuito de se firmar. Essas tendências têm por base as ideias do autor Libâneo (2006).

As tendências pedagógicas são classificadas em duas grandes correntes: pedagogia liberal e pedagogia progressista.

A pedagogia liberal é uma manifestação da sociedade capitalista que defende a liberdade e os interesses individuais do ser humano. Conforme Libâneo (2006, p. 21): “A pedagogia liberal sustenta a ideia de que a escola tem por função preparar os indivíduos para o desempenho de papéis sociais, de acordo com as aptidões individuais”. Percebe-se, portanto, que o aluno é que deve adaptar-se à sociedade em que vive, aceitando valores e princípios da classe dominante, sem poder expor seus próprios pensamentos, anulando-se como ser humano em busca de conhecimento.

A pedagogia liberal se divide em: tradicional, renovada progressivista, renovada não-diretiva e tecnicista.

Na pedagogia liberal tradicional, a escola tem o papel de preparar o aluno para assumir uma posição na sociedade, onde o saber é o mesmo para cada pessoa, não importando as diferenças entre cada ser humano. Os conteúdos de ensino são os que se acumularam ao longo dos anos e determinados pela legislação, tendo valor mais por ser um conhecimento produzido historicamente do que fazer parte da realidade atual e experiências vivenciadas pela criança. Os métodos de ensino dessa pedagogia baseiam-se na linguagem verbal, com ênfase na repetição de exercícios para possível memorização dos conteúdos, ou seja, a aprendizagem é mecânica, o professor passa o conteúdo e o aluno esforça-se para gravar o material ensinado. Por ser uma pedagogia mais racional, a relação professor-aluno é caracterizada pela autoridade do professor e a obediência do aluno. Esta tendência ainda está muito forte nas práticas escolares.

Na pedagogia liberal renovada progressivista, a escola pretende adaptar as necessidades das crianças à sociedade em que participa, para tanto, o aluno deve vivenciar experiências que satisfaçam a si mesmo e ao seu meio social. Os conteúdos de ensino são aqueles que possam incentivar os alunos a construir e reconstruir suas estruturas cognitivas numa interação entre ambiente e ser humano. Os métodos de ensino valorizam as tentativas, experiências, pesquisas, descobertas, solução de problemas numa ideia do “aprender a aprender”. Sendo uma pedagogia que preserva a ideia da vivência tal qual deve ser a vida em sociedade, o professor tem um papel de estimulador do desenvolvimento da criança. A aplicação dessa tendência em escolas é muito pequena.

Na pedagogia liberal renovada não-diretiva, a escola tenta favorecer a mudança interna dos alunos, formando atitudes e, portanto, preocupando-se mais com os problemas psicológicos. Não se dá muita importância aos conteúdos de ensino e sim, aos meios que os alunos tenham para buscarem sozinhos seus próprios conhecimentos. Os professores tornam-se facilitadores da aprendizagem, trabalhando com técnicas para estabelecer relacionamentos interpessoais de forma a possibilitar o desenvolvimento do aluno. A educação é centrada no aluno com objetivo

de fazer o mesmo modificar suas ideias na busca da autorrealização.

Na tendência liberal tecnicista, conforme Libâneo (2006, p. 28) “À educação escolar compete organizar o processo de aquisição de habilidades, atitudes e conhecimentos específicos, úteis e necessários para que os indivíduos se integrem na máquina do sistema social global”, ou seja, criar pessoas competentes. Os conteúdos de ensino são científicos, estabelecidos por especialistas e baseados na ciência objetiva, estando disponíveis em livros didáticos, módulos de ensino, manuais etc. Os métodos para ensinar consistem em técnicas e procedimentos necessários a aplicação sistemática dos princípios científicos, o que se pode chamar de tecnologia educacional “[...] programação por passos sequenciais empregada na instrução programada, nas técnicas de microensino, multimeios, módulos etc.” (Libâneo, 2006 p. 30).

Nesta pedagogia, o professor administra o ambiente para a transmissão dos conteúdos e o aluno recebe, aprende e memoriza as informações. O ensino torna-se um processo de condicionamento do aluno a certas situações estimuladoras que têm por objetivo adequar o mesmo à orientação político-econômica do meio social da qual faz parte.

A pedagogia progressista tem ideias contrárias à liberal, porque parte da crítica sobre uma sociedade dividida em classes e, portanto, não pode sustentar as ideias capitalistas. Segundo Libâneo (2006), são tendências que partem de uma análise crítica da realidade social, sustentando as finalidades sociopolíticas da educação, tentando mudar o contexto em que está inserida.

A pedagogia progressista se divide em: libertadora, libertária e crítico-social dos conteúdos.

A tendência progressista libertadora é uma prática que parte da realidade do professor e do aluno para a construção dos conteúdos de aprendizagem os tornando, desta forma, conscientes e atuantes na própria sociedade em que vivem. Os conteúdos de ensino são temas geradores que surgem da própria vida dos educandos, para que os mesmos se envolvam em todo o processo de aprendizagem. Mentor dessa prática, Paulo Freire nunca deixou de explicitar o caráter político dessa pedagogia, por isso esta tendência é aplicada em nível de educação extraclasse. Os métodos de ensino baseiam-se em grupos de discussão, o que possibilita a autonomia na sua aprendizagem e no seu ritmo de estudos. O professor deve intervir o mínimo possível, mas acompanhando a aprendizagem de cada grupo, possibilitando, desta forma, um relacionamento professor e aluno baseado no diálogo, em que todos são sujeitos do ato de conhecer. A aprendizagem revela uma força motivadora para os alunos, conforme nos escreve Libâneo (2006, p. 35): “Aprende [sic] é um ato de conhecimento da realidade concreta, isto é, da situação real vivida pelo educando, e só tem sentido se resulta de uma aproximação crítica dessa realidade”.

Tendência progressista libertária é uma pedagogia que espera que a escola transforme os alunos para que estes sejam autônomos de suas ações. Para isto, modifica o sistema institucional de modo a conseguir maior participação da sociedade dentro da escola na forma de conselhos, eleições, reuniões, associações etc. Esta é uma prática política, na medida em que vê o aluno como produto da sociedade na qual está inserido. Os conteúdos de ensino não são exigidos, já que o conhecimento se produz nas experiências vividas no grupo e na participação crítica deste, portanto, os métodos de ensino baseiam-se na autogestão do grupo quanto à busca por bases para a sua própria aprendizagem. Os professores, sem impor suas ideias, são orientadores dos alunos. Segundo Libâneo (2006, p. 37):

Trata-se de ‘colocar nas mãos dos alunos tudo o que for possível: o conjunto da vida, as atividades e a organização, do trabalho no interior da escola (menos a elaboração dos programas e a decisão dos exames que não dependem nem dos docentes, nem dos alunos)’. Os alunos têm liberdade de trabalhar ou não, ficando o interesse pedagógico

na dependência de suas necessidades ou das do grupo.

A tendência progressista crítico-social dos conteúdos tem na difusão dos conteúdos, indissociáveis das realidades sociais, sua ideia central. Se a escola deve servir para os interesses populares, a apropriação de conteúdos escolares básicos que tenham utilidade na vida do educando deve ser tarefa essencial da escola. O papel transformador da escola deve ser o de preparar o aluno para o mundo global, oferecendo-lhe conteúdos e conhecimentos através da socialização entre grupos e sua experiência própria, permitindo-lhe uma análise crítica do que presencia, para que sua participação na sociedade seja ativa e democrática. A metodologia utilizada confronta o saber (conteúdos propostos pelo professor) e o relaciona com a prática real vivida pelos alunos. Aqui também o professor é mediador do processo de aprendizagem, fazendo uma relação dos conteúdos com o contexto (natural, social, cultural) em que está inserido o aluno. Desta forma, o grau de envolvimento na aprendizagem depende tanto do aluno, quanto do professor e do contexto da sala de aula.

Podemos perceber que a lista de tendências e suas principais características não se encerra por aqui. Em se tratando de futuro, sempre poderão existir outras possibilidades de práticas de ensino. Entretanto, precisamos aprender mais sobre esta nova sociedade para conhecer ou identificar quais elementos são necessários a nós, professores, para que se faça uma prática transformadora nas escolas e com os alunos.

Elementos necessários a uma prática transformadora

A educação é produto do trabalho dos seres humanos, e deve responder aos desafios que os diferentes contextos políticos e sociais lhe colocam. A educação retrata e reproduz a sociedade, mas também projeta a sociedade que se quer. Confirmando esta ideia, nos escrevem os autores Silva e Paulini (2007, p. 51): “A educação pode ser entendida como uma das atividades básicas de todas as sociedades humanas que dependem, para sobreviver, da transmissão da sua herança cultural aos mais jovens”. Portanto, a sociedade fará o que julgar necessário para repassar os modos de ser e pensar aos mais jovens.

Segundo Oliveira (apud SILVA e PAULINI, 2007, p. 52): “A educação tem os seguintes objetivos: a transmissão da cultura, a adaptação dos indivíduos à sociedade, o desenvolvimento de suas potencialidades e, como consequência, o desenvolvimento da própria sociedade”. Alguns destes objetivos ainda norteiam a prática de muitos profissionais da educação.

A nossa sociedade continua se transformando, surgindo a ideia de sociedade do conhecimento e da informação. Entretanto, precisamos diferenciar estas duas palavras para conhecer o seu real significado e utilização na educação, já que a escola é a instituição que transmite informações. Para esclarecer isto, nos escreve o autor Contreras (2002, p. 17):

Conhecer é mais do que obter informações. Significa trabalhar as informações, analisar, organizar, identificar suas fontes, estabelecer diferenças destas na produção da informação, contextualizar, relacionar as informações e a organização da sociedade, como são utilizadas para perpetuar a desigualdade social. Trabalhar as informações na perspectiva de transformá-las em conhecimento é uma tarefa primordialmente da escola. Realizar o trabalho de análise crítica da informação relacionada à constituição da sociedade e seus valores é trabalho para professor [...]

Desta forma, a ideia de repassar conhecimento e informação de uma forma tradicional, o que é base da pedagogia tradicional, está dando lugar a uma nova forma de pensar o aprendizado, influenciado, principalmente, pelo ambiente onde está inserido.

Segundo Freire (1996), em seu livro *Pedagogia da Autonomia*, há diversas referências e elementos para a construção de uma prática transformadora que vai ao encontro desta nova sociedade.

Na primeira parte do livro, temos exemplos de diferentes tipos de educadores: críticos, progressistas e conservadores. Apesar destas diferenças, todos os educadores precisam de elementos comuns, tais como:

- saber relacionar bem a teoria com a prática;
- criar possibilidades para o aluno produzir ou construir o seu próprio conhecimento;
- reconhecer que, ao ensinar, também se aprende e vice-versa. “Quem ensina aprende ao ensinar e quem aprende ensina ao aprender” Freire (1996, p. 23).

Paulo Freire também ressalta a necessidade de o professor fazer sempre uma reflexão crítica sobre sua prática educativa e de não ser convicto de suas certezas, porque temos muito a aprender e sempre existe um conhecimento novo que supera o velho.

Também nos fala desta reflexão Contreras (2002, p. 78):

O professor ou professora tem que inevitavelmente se defrontar com sua própria decisão sobre a prática que realiza, porque ao ser ele ou ela quem pessoalmente se projeta em sua relação com alunos e alunas, tratando de gerar influência, deve decidir ou assumir o grau de identificação ou de compromisso com as práticas educativas que desenvolve, seus níveis de transformação da realidade que enfrenta etc.

Um elemento importantíssimo para uma prática transformadora é o professor exercer sempre o hábito da pesquisa, para poder aprender o que ainda não sabe e comunicar-se com seus alunos numa mesma linguagem. O professor pode também contar novidades, fazendo com que a curiosidade dos alunos se transforme em “curiosidade epistemológica” (FREIRE, 1996, p. 29). Ensinar exige que o professor desenvolva nos alunos a capacidade criadora e o senso crítico.

Outro elemento que Paulo Freire destaca é de que o docente deve também ensinar a pensar certo. E é somente “quem pensa certo, mesmo que às vezes pense errado, quem pode ensinar a pensar certo” (FREIRE, 1996, p. 27). Para o autor, esta atitude é imprescindível ao educador democrático, autônomo, porque exige correr riscos, aceitar o novo, preservar o velho e rejeitar qualquer tipo de discriminação.

Freire (1996) destaca a importância de propiciar condições aos educandos, em suas relações uns com os outros ou com o docente, de ensaiar a experiência de assumir-se como uma pessoa social e histórica, que pensa, se comunica, tem sonhos, que tem raiva e que ama. Isto despe o agente pedagógico e permite que se rompa a neutralidade dele. O autor acredita também que a educação é uma forma de intervenção no mundo, que não é neutra, nem indiferente, mas que pode implicar tanto no desmascaramento da ideologia dominante, como em mantê-la.

O professor deve ter a ideia de que suas atitudes e seus gestos representam muito na vida de um aluno. Somos exemplos em que eles se apoiam para a construção de suas identidades. Não somos apenas transmissores de conhecimento, somos mais do que isto, somos incentivadores, motivadores de um processo que trabalha não apenas o apreender conhecimento, mas sim, a constituição de um ser humano que vai agir na sociedade, com valores e atitudes que desenvolveu na escola, sob as ideias dos profissionais da educação.

As instituições escolares são lugares nos quais os alunos e alunas se introduzem em formas particulares de vida, e supõem uma preparação para suas vidas futuras. Estas experiências não possuem somente significado individual, mas representam perspectivas sobre o sentido da vida e da sociedade. Portanto, “Ensinar exige respeito aos saberes do educando” (FREIRE,

1996, p. 30) e aos seus interesses e realidades também. Por esta razão, os docentes estão assumindo e realizando conteúdos políticos que fazem parte do próprio ato de ensinar e refletem as oportunidades de análise sobre a vida, suas alternativas e suas esperanças.

Outro elemento importante para uma prática transformadora é que os docentes precisam criar possibilidades para a produção ou construção do conhecimento pelo aluno, num processo em que tanto o professor e o aluno se tornem agentes ativos da sua aprendizagem. Paulo Freire insiste que “[...] ensinar não é transferir conhecimento, mas criar as possibilidades para a sua própria produção ou a sua construção” (1996, p. 47).

Ao criar estes espaços, o educador deve buscar também metodologias que cansem e instiguem seus alunos, não pelo desinteresse do conteúdo, mas pela tentativa de acompanhar o raciocínio e despertar da curiosidade, que deve estar tanto no professor quanto no aluno. Ela é fundamental para evocarmos nossa imaginação, intuição, capacidade de comparar, transformar e transcender. Trabalhando desta forma, os professores devem respeitar a autonomia e a dignidade dos alunos, porque isto não é um favor que se faz, mas sim uma parte da nossa ética profissional. Como diz Freire (1996, p. 59-60): “O professor que desrespeita a curiosidade do educando, o seu gosto estético, a sua inquietude, a sua linguagem, mais precisamente, a sua sintaxe e a sua prosódia; [...] transgride os princípios fundamentalmente éticos da nossa existência”.

A obrigação moral e ética com o compromisso com a comunidade, requer de nós, professores, uma competência profissional coerente com ambos. Sabemos que ensinar exige domínio de habilidades, técnicas e, em geral, recursos para a ação didática, assim como devemos conhecer a cultura e a organização social da comunidade em que estamos trabalhando. Conforme Contreras (2002, p. 82):

Porém, as consequências que derivam das duas dimensões anteriores da profissionalidade docente são que a competência profissional transcende o sentido puramente técnico do recurso didático. Temos que falar de competências profissionais que combinam habilidades, princípios e consciência do sentido e das consequências das práticas pedagógicas.

Freire também nos mostra a necessidade de segurança, do conhecimento e da generosidade do educador para que tenha competência, autoridade e liberdade na condução de suas aulas. Defende a ideia de que precisamos exercer autoridade docente com a segurança fundada na competência profissional, aliada à generosidade. “O professor que não leve a sério sua formação, que não estude, que não se esforce para estar à altura de sua tarefa não tem força moral para coordenar as atividades de sua classe” (FREIRE, 1996, p. 92).

Também faz parte das competências profissionais, de qualquer outro serviço, o modo que se criam e se sustentam os vínculos com as pessoas, em que os sentimentos de cumplicidade, afeto, sensibilidade, generosidade se integram e se desenvolvem nas formas de viver a profissão. “A intuição, a improvisação e a orientação entre os sentimentos próprios e alheios são também parte das competências complexas requeridas pela profissionalidade didática, tanto dentro como fora da sala de aula” (CONTRERAS, 2002, p. 85).

Outro saber necessário à prática transformadora é o comprometimento do discurso do docente relacionado com a sua prática. Sendo professor, é necessário estar ciente de que sua presença no espaço escolar não passa despercebida pelos alunos. “Nesse sentido, quanto mais solidariedade exista entre educador e educando no ‘trato’ deste espaço, tanto mais possibilidades de aprendizagem democrática se abrem na escola” (FREIRE, 1996, p. 97).

Sendo a educação uma forma de intervenção no mundo, a prática transformadora deve estar centrada em experiências estimuladoras da decisão, da responsabilidade, da autonomia,

da liberdade. Para isso, ao ensinar, o professor deve ter liberdade e autoridade para trazer as informações e transformá-las em conhecimento. Não esquecendo que a escola é um espaço social em que ideias de liberdade, igualdade, justiça estão sempre em discussão, portanto, o docente deve incluir dentro da sua aula e sua própria reflexão e ação, a forma em que estes valores políticos se realizam. Freire nos alerta sobre a política estar inerente à própria natureza pedagógica e para tomarmos cuidado com o discurso ideológico, pois ele nos ameaça de distorcer a percepção dos fatos. Para isto, devemos ter sempre uma desconfiança que nos protege de tornarmos-nos absolutos de nossas certezas. “No exercício crítico de minha resistência ao poder manhoso da ideologia, vou gerando certas qualidades que vão virando sabedoria indispensável à minha prática docente” (FREIRE, 1996, p. 133).

Enfim, outro elemento indispensável à atividade docente é estar disponível ao diálogo. O educador, como ser político, emotivo, pensante não pode ter atitudes neutras, deve sempre mostrar o que pensa, estar disponível às realidades que o cercam, apontando diferentes caminhos sem conclusões, para que o educando procure o qual acredita, com suas explicações, se responsabilizando pelas consequências e construindo assim sua autonomia. “O sujeito que se abre ao mundo e aos outros inaugura com seu gesto a relação dialógica em que se confirma como inquietação e curiosidade, como inconclusão em permanente movimento na História” (FREIRE, 1996, p. 136).

Para Freire (1996), a atividade docente é uma atividade alegre por natureza, mas com formação acadêmica séria e com certa clareza política por parte dos educadores. Precisamos, portanto, estimular a alegria em nossas aulas, sempre carregada de caráter científico e de conhecimentos teóricos, para que a aula não perca seu caráter formador.

Como podemos perceber, vários são os elementos necessários a uma prática transformadora. O fator mais importante para a atividade docente e fundamental é: motivar e auto motivar-se a uma constante busca não apenas do conhecimento teórico-prático, mas também da relação professor e aluno, peça fundamental para construirmos juntos uma educação decente neste país, não somente em áreas específicas, mas para a formação global e educação crítica destes cidadãos.

Considerações finais

Este trabalho possibilitou estudar e entender alguns elementos necessários a uma prática transformadora, tendo por base a leitura do livro “Pedagogia da Autonomia”, de Paulo Freire, complementado pelo livro “A autonomia de Professores”, de José Contreras, entre outros.

Primeiramente, ao estudar as tendências pedagógicas, e suas principais características, percebemos que elas não se encerram por aqui. Em se tratando de futuro, sempre poderão existir outras possibilidades de práticas de ensino. Entretanto, precisamos aprender mais sobre esta nova sociedade para conhecer ou identificar quais elementos são necessários a nós professores, para que se faça uma prática transformadora nas escolas e com os alunos.

Quanto aos elementos necessários a uma prática transformadora, os autores pesquisados vão escrevendo conceitos que se misturam e se complementam, às vezes de maneiras sutis, outras de forma bem objetiva.

Uma das principais mensagens que podemos observar é o significado de ensinar. Ensinar é uma vocação, uma troca entre aluno e professor, portanto não podemos situar práticas pedagógicas nem somente no aluno, muito menos somente no professor. Não há grupos de alunos aprendendo sozinhos e nem professores dando aulas para as paredes. Ambos são interdependentes e juntos aprendem, adquirem e sanam dúvidas, crescem como seres humanos.

Para ensinar, precisamos ter a consciência da importância desta tarefa, que pode fazer a diferença nos alunos e mudar a sociedade, que tem ideias às vezes tão opressoras que discriminam aqueles que não dispõem de meios financeiros para obter cultura e informação.

Na escola, existe um confronto do aluno entre sua cultura e sua herança cultural, entre seu modo de viver e os modelos sociais desejáveis e também há um professor que intervém, não para se opor aos desejos e necessidades ou à liberdade e autonomia do aluno, mas para ajudá-lo a ultrapassar suas necessidades e criar outras, para ganhar autonomia, para ajudá-lo no seu esforço de distinguir a verdade do erro, para ajudá-lo a compreender as realidades sociais e sua própria experiência.

Referências

CONTRERAS, José. **Autonomia de Professores**. São Paulo: Cortez, 2002.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia da autonomia**: saberes necessários à prática educativa. 25. ed. São Paulo: Paz e Terra, 1996.

LIBÂNEO, José Carlos. **Democratização da escola pública**: A pedagogia crítico-social dos conteúdos. 21. ed. São Paulo: Loyola, 2006.

_____. **Didática**. 28. ed. São Paulo: Cortez, 2008.

SILVA, Everaldo; PAULINI, Iramar Ricardo. **Sociologia geral e da educação**. Indaial: UNIASSELVI, 2007.

Artigo recebido em 15/06/15. Aceito em 17/08/15.
